

Ulysses e Waldir reconhecem fracasso e mudam a campanha

A cinco meses das eleições presidenciais, o comando do PMDB concluiu que a campanha de seu candidato, Ulysses Guimarães, está na estaca zero, com riscos de criar um clima de derrota e de acirrar as divergências internas do partido. Ontem, em reunião com nove parlamentares e o governador Carlos Bezerra (MT), Ulysses e seu companheiro de chapa, Waldir Pires, se ouviram cobranças. Falta tudo: organograma, definição da linha política da campanha e do programa, comitê eleitoral e programação visual.

A comissão executiva, representada por cinco dos presentes, exigiu participação direta na condução política da campanha e reclamou que está sendo marginalizada por técnicos e publicitários que estão trabalhando na programação visual, mas que até hoje não apresentaram nada de concreto. Ficou decidido que nenhum material de propaganda será divulgado sem o aval da executiva, responsável pela direção política da campanha e que já se autodefine como "caçadora de votos".

Ulysses mais ouviu do que falou na reunião. Disse que, apesar do avanço de Collor, está empatado tecnicamente como candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Ao fim da reunião — que durou duas horas e se realizou na casa do deputado Márcio Braga (PMDB-RJ) — o comando do PMDB decidiu agilizar a campanha e distribuir tarefas.

Reviravolta

Os dois candidatos admitiram que a campanha está sem rumo certo e desorganizada. No encontro ficou decidida uma reviravolta na estratégia da campanha, para enfrentar a ascensão de Fernando Collor de Mello. Ulysses reconheceu que o candidato do PRN é um entrave ao seu crescimento, mas acha que Collor abriu maior diferença em relação a Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva, colocando a sua candidatura em empa-



Carlos Menandro

Waldir e Ulysses concordam que campanha está sem rumo certo

te técnico com a do PT.

A condição política da campanha, como resultado da avaliação, será da executiva do partido, a nível nacional, e dos diretórios nos estados.

O senador Nelson Wedekin (SC) e o ex-prefeito de Cuiabá Dante de Oliveira, falaram pelos descontentes com a inércia e o risco da campanha ficar burocraticamente centralizada em São Paulo. Wedekin explicou que as críticas públicas feitas pelos deputados Francisco Pinto (BA) e Hélio Duque (PR), exprimiam uma preocupação generalizada.

O anfitrião esclareceu que inexistiam no partido posições divergentes ou de dupla militância. "Estamos diante de um quadro negativo" explicou.

Reprise

Ulysses reconheceu as dificuldades, persistentes 45 dias depois de sua nomeação como candidato

do partido, mas disse que não permitirá a reprise agora do fenômeno dos "luas pretas" (técnicos e intelectuais que organizaram e conduziram a derrota do deputado Miro Teixeira, no Rio, para Leonel Brizola, em 1982. "O partido fará a campanha", completou Waldir Pires.

"O pior que pode acontecer em política é a indiferença", disse Ulysses à saída, resumindo o encontro como "ótimo".

"Mas, se não fizermos nada urgentemente" — advertiu a deputada Beth Mendes (SP) — "o que teremos amanhã será a indiferença".

Ontem à tarde a executiva do PMDB se reuniu informalmente e marcou outro encontro, este formal, para quarta-feira. Hoje, Ulysses, Waldir e o presidente do PMDB, Jarbas Vasconcellos, se reúnem com o coordenador da campanha, Renato Archer, para distribuir tarefas e definir responsabilidades.